

A PRÁTICA REFLEXIVA ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

EDINALVA PERSONA.

Resumo

Baseando-se na realidade em que se encontra a educação hoje, em que o acesso e a permanência do aluno são bens públicos de direito, o que a escola tem feito para garantir que isto ocorra de fato, com qualidade, pertinência e eficácia principalmente no âmbito do letramento ou no desenvolvimento da capacidade leitora de indivíduos? Frente a esta premissa, faz-se necessário uma prática permeada de reflexão em que o educador questione-se quanto a sua prática pedagógica. Que tipo de leitores a escola vem trabalhando? Qual é o leitor real da nossa sociedade? O presente trabalho apresenta algumas práticas realizadas com alunos de educação infantil e ensino médio que buscaram e buscam sensibilizar e desenvolver o ato de ler, assim como significar e resignificar esta conduta enquanto prática pautada nos diferentes contextos histórico-sociais do educando, cujo universo e acesso ao texto escrito ocorrem de diferentes formas. Em uma sociedade globalizada em constante mudança é notório o reflexo que isto perpassa no universo educativo com grandes mudanças, tendências e concepções que regem o ambiente escolar. Existirá uma receita para isto? Qual o norte a ser tomado quando pensamos no processo formativo de seres humanos? Qual a nossa responsabilidade social frente a isto? O trabalho realizado buscará ilustrar algumas práticas dinamizadoras neste processo que podem acima de tudo vir de encontro às necessidades de um leitor real existente em nosso meio, meio este em que muito se diz sobre leitura, mas em que persistem questionamentos em torno de uma temática problemática e deficitária—a leitura.

Palavras-chave:

leitura, leitor, reflexão.

Alfabetização e letramento no mundo contemporâneo

Desde a época em que o Brasil era colônia, a palavra analfabetismo nos é familiar. A sociedade depara-se, há algum tempo, com o fato de existirem pessoas que não sabem ler e escrever. Convive-se com este estado de indivíduo analfabeto, donde decorre o termo analfabetismo.

Com a superação gradativa deste fenômeno, as pessoas vão aprendendo cada vez mais a ler e a escrever e, desta forma, qualificando a sociedade em grafocêntrica. Eis que, de acordo com estudiosos, surge um novo fenômeno: não basta aprender a ler e escrever, é necessário que o indivíduo adquira a condição de letrado. Com a intensificação da acumulação capitalista e as transformações no mundo do trabalho e das comunicações, os indivíduos têm de dar conta de exigências formais diversas no trabalho e na vida cotidiana. Somente assim, têm condições de tornarem-se cidadãos críticos e políticos.

Segundo pesquisas da ONU (julho de 2003), apenas 24% dos brasileiros são alfabetizados e 76% são, em alguma medida, letrados. Em teste de leitura, o Brasil aparece em 37º lugar em leitura numa lista de 41 países pesquisados, ficando à frente somente da Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru. Assim, pode-se dizer que o desempenho brasileiro é um dos piores frente ao contexto mundial. Esses dados fazem parte da pesquisa Literacy Scales for the World of Tomorrow (Alfabetização para o mundo de amanhã), produzida pela UNESCO e pela OCDE.

Como reverter esse quadro? Que fazer para que os alunos não sejam alfabetizados por um modelo de ensino centrado nas convenções de transcrição da forma sonora da fala para a escrita? Como, na ação educativa, empregar os verbos *integrar* e *articular* nos dois processos que compõem a aprendizagem da língua, simultâneos e interdependentes? A criança alfabetiza-se, elabora seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita em situações de letramento, num contexto de interação com o material escrito real. Sobre este assunto, Kleiman (1995) assume letramento como um conjunto de práticas sociais em que se usa a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Letramento, para Kleiman (1995), não é alfabetização, mas a inclui. Ambos estão associados para alcançar determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias. A pessoa, para ser letrada, deve conhecer a função de um objeto cultural; deve, por exemplo, conhecer a função de uma carta, de rótulos e embalagens, das placas, do nome e número dos ônibus, estando inserida no seu contexto social.

Já o conceito de alfabetização, para Kleiman (2005):

Ao processo de aquisição das primeiras letras, e como tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégicas, modos de fazer. Quando dizemos que uma criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades de todo tipo, que têm por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita. (p. 13 e 14)

Ainda segundo a autora, a prática de alfabetização, que tem por objetivo o domínio do sistema alfabético e ortográfico, precisa do ensino sistemático, o que o torna diferente de outras práticas de letramento, nas quais é possível aprender olhando os demais fazerem.

Como se pode ver, alfabetização e letramento não são o mesmo fenômeno. O primeiro refere-se a um processo mais restrito, que supõe a capacidade mecânica de escrever ou ler, o domínio da escrita como tecnologia. Já o segundo, refere-se a um processo relacionado diretamente com os usos que as pessoas fazem da leitura e da escrita, com as práticas sociais de leitura e de escrita que se apropriam.

De que maneira atingir êxito educativo e não o fracasso escolar quando, muitas vezes, sequer o professor é suficientemente letrado em sua área de conhecimento e tem dificuldade de aceitar mudanças pedagógicas e refletir sobre sua prática para atingir objetivos condizentes com uma realidade diferente daquela que havia na época colonial, quando se alfabetizava as pessoas para que soubessem apenas ler e escrever minimamente (como ainda, infelizmente, é visto em nossos dias)?

A respeito disso Foucambert (Jean Foucambert, 1995) salienta:

Pretender que objetivos decididamente novos poderão ser alcançados com a volta de métodos que jamais deixaram de ser utilizados e que jamais deixaram de atingir os antigos objetivos almejados, significa mergulhar a escola na impotência para abordar o futuro, ampliar a distância entre o sistema educacional e uma demanda social que não pode mais esperar, pôr a perigo a própria instituição, não entender nada da mutação social. (p.54)

Neste contexto, a questão do método vai além de teorias e documentos oficiais, para vir de encontro com o profissional que melhor conhece o seu aluno: o

professor. Este, sim, deve ter amplo conhecimento a respeito dos métodos de ensino, do desenvolvimento do indivíduo, juntamente com a realidade em que atua para que possa refletir sobre sua prática pedagógica. Segundo Britto (2007), a leitura, a escrita e o conhecimento são indissociáveis, de modo que é necessário um trabalho engajado com o desenvolvimento holístico do indivíduo.

A leitura permite grande aquisição de conhecimento e a percepção singular do mundo, ocupando espaço primordial na vida do indivíduo e, conseqüentemente, na história escolar deste. Desta forma, está evidente a amplitude de papéis que a leitura desempenha na constituição intelectual dos sujeitos, sendo discurso corrente em meios escolares os prejuízos inerentes aos indivíduos iletrados, analfabetos ou desprovidos da competência ou habilidade leitora.

Há que buscar ações que minimizem os problemas causados por "deturpações de conceitos", visto que o problema da leitura (e da escrita e do conhecimento) vai além do universo infantil. Para muitos estudiosos, é preciso desmistificar a crença de que o problema se limita às séries iniciais. Vicentili (2000) relata estudos realizados com alunos de Universidades públicas e privadas da Venezuela cujos resultados demonstram que os estudantes apresentam déficit no domínio e habilidades que dificultam sobremaneira seu desempenho como leitores autônomos.

O ato de ler pressupõe muito mais que a habilidade de decodificar signos linguísticos. Implica conhecer, interpretar e decifrar textos de forma que o leitor interaja com o texto e produza significados. Para isto, o leitor ativa uma série de ações em sua mente (as denominadas estratégias de leitura) e, por meio destas ações, "constrói" seu referencial de mundo. Sendo assim, há que pautar a prática pedagógica, principalmente no que se refere à relação entre leitura e conhecimento, em conteúdos significativos, reais e integrados ao universo do aluno.

Uma prática de comprometimento com o conhecimento e a participação

A seguir apresenta-se a síntese de um trabalho pedagógico desenvolvido em um escola pública de Itu na perspectiva de uma educação formativa e participativa.

Procurou-se desenvolver junto a alunos de Educação Especial (6 a 10 anos), Educação Infantil (5/6 anos) e Ensino Médio, várias propostas de interação com a leitura que almejam o propósito alfabetização / letramento e leitura analítica.

As ações tiveram os seguintes objetivos:

- Estabelecer relações com a função social da leitura e da escrita;
- Despertar o interesse pelo universo da leitura enquanto fator de descoberta de diferentes mundos e ampliação da própria autonomia intelectual e
- Perceber os componentes que integram os diferentes textos informativos.

Com base nestes objetivos, desenvolveu-se nas aulas de Educação Infantil e Educação Especial um trabalho com rótulos, embalagens, receitas variadas, jornais e livros. Com o objetivo principal de oferecer possibilidades de a criança interagir com os códigos da escrita, buscou-se propor diferentes atividades ao longo de um

bimestre em duas salas de aula em períodos diferentes, sendo uma de Educação Infantil e uma de Educação Especial.

Inicialmente, foi realizado um trabalho de coleta de materiais, entendendo-se por isso a pesquisa individual dos alunos junto a sua família de diferentes rótulos e embalagens. Na posse deste material, foi realizada sua organização, montando-se um minimercado em sala de aula, propiciando condições para que a criança tivesse maior interação com o material com noção de valor, utilidade, nome das embalagens, data de validade, peso, nutrientes.

Posteriormente, foi confeccionado junto com as crianças, grandes tabelas para facilitar o manuseio. Para sua utilização, foi realizado um sorteio entre os alunos para que não houvesse tumulto, onde foi dividida a classe em vários grupos.

Inicialmente, as crianças classificaram as embalagens nas tabelas, seguindo o critério "letra inicial" por elas definidas, de acordo com a primeira letra do nome ou da marca do produto; depois, classificaram de acordo com a cor das embalagens trazidas pela classe e, por último, pela utilidade do produto (sendo os critérios: limpeza, higiene e alimentação). Na atividade de classificação, respeitou-se sempre a proposta da criança pelo seu envolvimento e interesse.

Posteriormente a essas atividades, as crianças classificaram as embalagens de acordo com as letras iniciais e finais iguais as contidas no próprio nome. Concomitante, foi realizado um bingo de rótulos e a brincadeira da barquinha, na qual o aluno imaginava que só poderia levar em sua barquinha (grande barco de papel), produtos que iniciassem com a primeira letra do nome, a última letra, a terceira letra, etc. O registro destas atividades foi muito importante, pois fez com que as crianças fixassem os conceitos assimilados e adquirissem outros.

As crianças escreveram os nomes dos produtos e suas marcas, fizeram a ilustração das embalagens e nome para os produtos. Em seguida, escreveram as marcas de embalagens que a família usa e elaboraram propagandas dos produtos para os colegas individualmente e coletivamente.

Elaboraram receitas, fizeram caça-palavras (marca dos produtos), cruzadinhas, solucionaram pequenos problemas matemáticos de soma e subtração, colocaram preços nos produtos e para finalizar o trabalho, brincaram de compra e venda (supermercado) e elaboraram propaganda para colocar no jornal, possibilitando o contato com textos diferenciados e com sua composição tais como título da notícia, diferentes cadernos do jornal, utilidade da ilustração, etc.





Com os rótulos elaboraram um alfabeto que ficava exposto em sala de aula. Observou-se que as crianças mantinham o interesse por estas atividades por um bom tempo, faziam comentários chamando a atenção dos colegas quanto ao número de letras do próprio nome, dos colegas, igualdade, características etc.

Concomitante, foram realizadas mediações de leitura, situações em que as crianças manuseavam livros de história e gibis, ouviam, contavam e recontavam histórias em roda, assim como escolhiam e levavam para casa livros para lerem e interagirem com os pais.

Ficou evidente o quanto é relevante e produtivo trabalhar com a criança que se encontra, segundo Piaget (1996), em período pré-operatório (necessitando, assim, do contato e manuseio com material concreto), num processo em que se desenvolvem conceitos tais como cor, forma, tamanho, quantidade, conceitos

indispensáveis à elaboração do conhecimento e, conseqüentemente, da alfabetização e letramento.

Já com os alunos de Ensino Médio, foram realizadas propostas que viabilizaram uma imersão no mundo da leitura com o objetivo principal de conscientizá-los da importância da leitura comprometida e analítica, capaz de desmistificar e ampliar o conhecimento de mundo. Os alunos de 1º e 3º ano de Ensino Médio de escola pública realizaram as seguintes atividades:

-  Leitura de obras literárias (brasileira e portuguesa) pertencentes à biblioteca da escola; cada grupo escolheu uma obra, leu-a e realizou análise e interpretação, passando para a classe o conteúdo da obra de forma dinâmica (teatro, música, mímica, oratória, etc.);
-  Leitura e interpretação de poesia, tais como *O bicho*, de Vinícius de Moraes, *A mulher que passa* e *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Canção do vento e da minha vida*, de Manuel Bandeira, e *Auto-retrato*, de Mario Quintana; a proposta teve como objetivo a interpretação de poesia (texto verbal) por meio de uma linguagem não-verbal, contribuindo para a percepção do elemento subjetivo de um texto, levando o aluno a observar a metáfora do próprio olhar. Desta forma, os alunos em grupos escolheram poesias e realizaram suas interpretações sobre material concreto, como caixas, papéis, tampinhas, botões e sucata miúda, a releitura da poesia e expondo posteriormente aos demais colegas suas idéias. Com isto, buscou-se desenvolver as habilidades de interpretar, analisar, debater, concluir, refletir, interagir, produzir, observar, pesquisar.
-  No projeto "O movimento Barroco em nossos dias" - trabalho com que se buscou perceber um movimento literário enquanto fator presente e existente em nossos dias - os alunos, acompanhados dos professores de arte e de um guia turístico, visitaram as igrejas da cidade, observando e analisando características da arquitetura barroca presentes em seu meio e que puderam ser encontradas em poesias analisadas em sala de aula, estabelecendo-se uma relação e uma contextualização significativa.
-  Concomitantemente a estas práticas, os alunos desenvolveram atividades de confecção de livros, produção de narrativas de suas vidas, atividades de ortografia com jornais e roda de leituras com livros, jornais e revistas.

Há muito para ser feito. E, se desde a educação infantil, as crianças forem estimuladas de maneira sistemática a prática da leitura como um trabalho contínuo até o Ensino Médio, talvez não tenhamos a tarefa de gigante de, junto aos jovens que estão chegando ao Ensino Superior, precisar recuperar sua capacidade de ler, interpretar, resumir e analisar textos.

REFERÊNCIAS

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** CEFIEL/IEL/Unicamp, 2005-2010. Ministério da Educação-Governo Federal. p. 7-21.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento. **Caleidoscópio**, v.s, n.1, maio 2007. pp. 24-30.

Goulart, Iris Barbosa. **Piaget**: Experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. Leitura - um desafio sempre atual. **Revista PEC**, Curitiba, n°1, v.2, julho-2001, p.1-12.

Soares, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. janeiro/abril, n°25. pp.5-17.

VICENTILI. Problemática de la lectura em estudantes universitários. **Psicologia escolar e educacional**. Campinas. Alínea, 2002.